

O céu é mesmo um buraco

Todos os dias
na minha rua
passa um menino pro céu
num caixãozinho todo azul
- de tosse?
- de febre?
- de que foi que ele morreu?
De fome
de necessidade
por todas essas coisas
passa menino pro céu...

O céu é no fim da minha rua
é um buraco
onde se bota o caixãozinho
tão bonitinho todo azul!
Nunca vi nenhum subir
subir subir
de asinhas.
Só se acontece isso
com os meninos
de Copacabana
mas para os de Caxias
o céu é mesmo um buraco...

Solano Trindade

vaso - ()

un vaso es un vaso es un vaso y é verdade, ao que parece, para toda palavra tão larga quanto ancha. é isso? ornamento no és un vaso, aunque venga con un. palabra que dicen que ciertas personas piensen tirar un vaso, para deflorarlo. que falta de profundidad y sagacidad. ornamento, ornamento, estoy farto de tu aburrido lamento. necesitas un amante que escriba una carta a un vaso: cara palabra, no es privada.

Uljana Wolf

[trad. Ricardo Pozzo e Guilherme Gontijo Flores]

fluxos fluxos fluxos

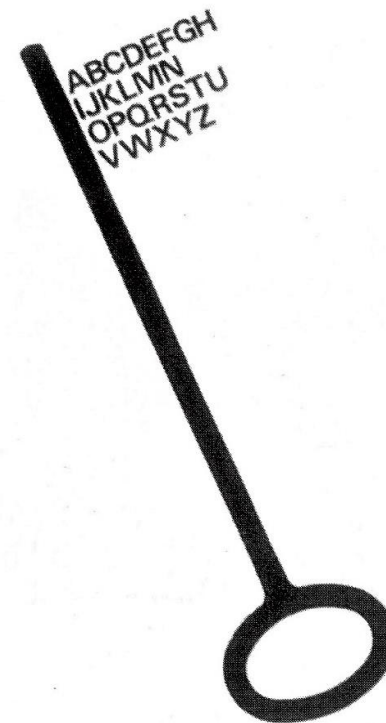
De 31/5 a 8/9 o SESC Bom Retiro apresenta **História da Poesia Visual Brasileira**. A exposição traz um panorama com as principais obras, além de fotografias, cartazes, catálogos, livros, jornais, revistas, cartas e vídeos. O material integra o acervo do poeta Paulo Bruscky, que fez a curadoria da exposição com Yuri Bruscky e Adolfo Montejo Navas. Entrada gratuita. | Imperdível: **Verso vivo: introdução ao verso livre e ao verso fixo de Shakespeare a Criolo** é o curso de curta duração (uma aula de 4 horas) que o Matheus Gumérin Barreto, poeta e tradutor, doutorando em Letras na USP, dará na Tapera Taperá no sábado 20/7, das 10h às 14h. Ótima ocasião – com um ótimo guia – para passear pela “riqueza de movimento e de som da versificação [...] em textos de Auden, Bachmann, Cecília Meireles, Conceição Evaristo, Drummond, Dryden, Goethe, Li Bai (李白), Mistral, Shakespeare, T. S. Eliot e Paul Valéry, mas também de rappers como Criolo e EPMD”. | Estão chegando às livrarias duas novas traduções do **Guilherme Gontijo Flores**, de que o *Fluxos* dá um aperitivo nesta edição: *Nosso amor de trincheira nosso trânsito de fronteira* (Moinhos), da alemã Uljana Wolf, traduzido pelo Gontijo com o Ricardo Pozzo, e *A mirada onde vivemos e outros poemas* (Kotter), do venezuelano Luis Alberto Crespo. Uma curiosidade: Uljana escreve num misto de alemão e inglês que Gontijo e Pozzo decidiram “transcriar” em português e espanhol. | Muita informação, ótimas fotos e um competente passeio pelo universo do poeta é o que você encontra no **Roteiro Literário Paulo Leminski**, escrito por Rodrigo Garcia Lopes para a coleção da Biblioteca Pública do Paraná. | Se liga no fluxo: nos *Fluxos*.

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo

SP | periodicidade temperamental | tiragem improvável
arquivos disponíveis em tarsodemelo.wordpress.com
reprodução livre: leia, imprima, compartilhe | obrigado

FLUXOS

edição nove | julho de 2019



Joan Brossa
(Poema visual, 1971/1982)

Cerillas

estou encolhendo
já sou menor
que minha filha
agora posso gritar
do alto dos meus chinelos:
soy mayor
a cada ano sou
mayor
até que um dia vou ser
más mayor
que minha avó
vou encolher tanto (e tudo)
até caber inteira
na caixinha de fósforos

Ana Marta Cattani

Hielena

Está só pele e osso
língua e saliva,
costelas abocanhadas –
ela quase virou comida.

Seu rosto de pelos,
um campo de trigo
sob o vento
de olhar para o lado –

reluz do ouro ao preto,
reluz do preto ao ouro –
as sombras
que mexem em si

passam
de raspão por mim
e mostrar os dentes
nem sempre é sorrir.

Isabela Sancho

Novo endereço para o outono

Recolho lastros
de idiomas esquecidos
no atalho para casa

Fecho a janela e a cortina
resta apenas uma fresta para ver
a lua do dia, o sol da noite
e breves nascimentos de asas

Adormeço movimentos
queimo sálvia no incensário
início do outono
: semente que precisa de adubo

O sol acorda a manhã morna
Retorno leve
Caminhando com as mãos
Respirando com os pés

O ar
que um dia
me fez falta
estava preso
na caixa
de mudança.

Cris Ventura

Salmo (IV de IV)

Põe na cavidade de minha mudez
uma palavra
e cultiva grandes florestas dos dois lados
para que a boca minha
permaneça inteira na sombra.

*Ingeborg Bachmann
[trad. Matheus Guménin Barreto]*

Assim como não podemos

Assim como não podemos
sustentar muito tempo um olhar,
tampouco podemos sustentar muito tempo a alegria,
a espiral do amor,
a gratuidade do pensamento,
a terra em suspensão de cântico.

Não podemos nem mesmo sustentar muito tempo
as proporções do silêncio
quando algo o visita.
E todavia menos
quando nada o visita.

O homem não pode sustentar muito tempo o homem,
nem mesmo o que não é o homem.

E entretanto pode
suportar o peso inexorável
do que não existe.

*Roberto Juarroz
[trad. Reynaldo Damazio]*

Nunca se acabará em nós a terra seca

Ouçó uma canção como um lírio cortado

A pomba abandona a sombra do seu choro
Faz um ninho na memória

Você é seu eleito porque não desperta

Logo a canção se cala
ainda se cala

Tenha cuidado.

*Luis Alberto Crespo
[trad. Guilherme Gontijo Flores]*